

Escrevivência

por Cecília Esteves

A escrevivência é um conceito que nos foi apresentado por Conceição Evaristo. Como já descrito pela própria, a escrevivência nos propõe relatar situações do cotidiano, sentimentos positivos e negativos, a forma como somos afetados por diferentes aspectos da vida. A palavra escrevivência traz a junção de escrita e vivência; é, literalmente, escrever o que se vivencia, assim como Carolina Maria de Jesus fez em “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, evidenciando todas as suas emoções perante as dificuldades que enfrentam as mulheres negras e pobres, muitos anos antes da Conceição Evaristo nos apresentar o conceito de escrita-vida. Logo, entende-se que a escrevivência sempre esteve presente na trajetória de pessoas negras e indígenas em nosso país; Conceição Evaristo nomeia essa prática, destacando a necessidade de poder posicionar-se, expor suas vivências, anseios, indignações, felicidades, etc, trazendo para o debate a perspectiva positiva da escrita explicitamente pessoal, porém comunitariamente compartilhada.

Vai além da necessidade da população negra e indígena de poder se expor por si mesma. Escravizados não deveriam ter sentimentos, o propósito da sua condição não era esse. Escrevivenciar se contrapõe à lógica colonialista onde foi negado às pessoas negras e indígenas escravizadas o direito de terem e exporem seus sentimentos e opiniões. Historicamente, qualquer tipo de manifestação como indivíduos dotados de experiências próprias foram tolhidas de diferentes formas em cada momento do tempo, afinal, dentro dessa lógica colonial, as pessoas negras e indígenas só estavam ali para seguir ordens, sua vida deveria ser de subserviência. E na lógica colonialista, tais pessoas, na condição de subalternizados, são massa de trabalho para fins do sistema ocidental capitalista. Entretanto, é evidente que esse ideal foi combatido pelas populações negras e indígenas de cada época.

É, no mínimo, ingênuo pensar que as pessoas de tais populações mantinham-se inertes a todas as violências às quais eram submetidas. Se desse modo fosse, não teríamos em nossos registros históricos tantas personalidades, organizações e revoltas contra o regime escravocrata e contra a exploração do sul global, como a carta de Esperanza Garcia denunciando os maus tratos a que fora submetida, ou mesmo a vida de Clara Camarão, indígena que lutou pela liberdade e contra a colonização.

Porém é preciso pensar que, apesar das manifestações contrárias, a lógica de repressão se propagou por séculos e isso reflete até os dias atuais, inclusive no que se refere ao acesso à escrita. Através dos anos as pessoas negras e indígenas tiveram suas vivências reprimidas e colocadas como alheias à intelectualidade, e isso ficou marcado em nossa sociedade. Nossa história ainda é contada pela perspectiva do colonizador. Para que as pessoas negras e indígenas sintam-se no direito de concordar ou de se contrapor foi e ainda é necessário o movimento de emancipação. Pois a todo momento é posto que suas vidas e vivências são irrelevantes. Para que possam falar é preciso, primeiro, reconhecer a repressão e questionar o porquê de serem silenciados.

Então, quando Conceição Evaristo nomeia a prática da escrevivência, ela nos dá caminhos e respaldo para que possamos falar e escrever a partir da nossa ótica. Distanciando-nos e criticando a perspectiva eurocêntrica tão referenciada de neutralidade axiológica. A concepção de ciência e de escrita neutra é oriunda da lógica eurocentrista, que não só é dotada de parcialidades, como de referenciais e pressupostos que excluem e desvalorizam conhecimentos de outras culturas. Não há escrita que não seja marcada pelos ideais de seu/ sua autor/a. A questão é quem pode ser autor/a e quem não pode, e os motivos de não poder.

Quem continua se beneficiando com o silenciamento das populações negras e indígenas?



Embrião do Mundo, por Roberta Gil.
Aquarela em papel 300g, 2023.